

A Estação está localizada onde a alma poética adora e canta: do lado esquerdo avista-se o Morro dos Coqueiros, lembrando o primitivo nome de Aparecida; e de outro, avista-se a Torre da Nova Basílica.

CONDUÇÕES DO SÉCULO PASSADO – HISTÓRICO DA ESTRADA

No século passado, a condução pessoal era feita em redes, animais de montaria, cavalos, balaios, jacás, banguês, liteiras e por último, trólis, carruagens, aranhas.

Para o escoamento dos produtos de suas fazendas, os fazendeiros se utilizavam do carro de boi e quando mais distante, a tropa.

O rio Paraíba foi meio de transporte intermunicipal em canoas, batelões e pequenos vapores, mas não satisfazia o nível econômico e de conforto dos grandes cafeicultores. O vaporzinho “Piaguhy” do Engenho Central de Lorena, foi útil para pequenos transportes.

A aristocracia rural apresentava suas exigências, com o requintado pensamento da sua apresentação na Corte e na aquisição de atrativas peças para os seus sobrados.

Faltava a Estrada de Ferro ligando a Capital do Império à da Província, servindo as vilas e cidades do Vale, com toda a sua importância e grandeza.

O Regente Feijó considerou a profundidade do proveito da Estrada de Ferro e fez um decreto, em 31 de outubro de 1835.

Com poderes, a Corte obteve a concessão da linha férrea.

“Enquanto se procedia tenaz, mas algo lento, do lado fluminense do Vale, os trilhos saídos em 1869, da capital bandeirante em poucos anos, de 1871 a 1877, completavam praticamente o percurso da rota São Paulo – Rio.

Com grande e geral júbilo, concluiu-se em 1875 a estrada cuja esperança de benefícios vinha sendo acalentada, havia muito tempo, por aqueles que tanto contribuíram para o progresso da nacionalidade: os fluminenses de Vassouras e Rezende, e os paulistas que comerciavam com a Corte”.

O imperador Dom Pedro II, sempre presente em aberturas de túnel, prolongamento de linha e na inauguração da luz elétrica na Estação da Corte.

A participação dos Barões do café e das Famílias do Vale do Paraíba foi de valor no empreendimento da Estrada de Ferro.

INAUGURAÇÃO EM 1877

No dia 3 de julho de 1877, Aparecida e Guaratinguetá recebiam o trem em sua Estação, em seu primeiro edifício... Lorena, recebia o seu trem no dia 7 de julho de 1877.

Em 1879, Azevedo Marques anotou: “com os festejos costumados e a presença do Presidente da Província”, inauguram-se as estações de Aparecida e de Guaratinguetá.

Famílias aparecidenses, Barreto, Lorena, Fonseca, Souza, Ferreira e outras, doaram terreno para a construção da Estrada.

A água para a “caixa d’água” da Estação vinha do açude da fazenda de Miguel Lemes da Silva Portes, meu bisavô.

A Estrada São Paulo – Rio foi encampada pelo governo republicano em 1890 e incorporada à Estrada de Ferro Central do Brasil, substituindo a antiga Dom Pedro II.

O governo fez o alargamento da bitola no Vale do Paraíba. Atualmente é a Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima.

CEM ANOS DE ROMARIAS

Um século de romarias que chegavam cantando e com banda de música.

O sábio alemão Carlos Frederico Von Martius descreve romarias a Aparecida em 1817; em 1822 são registradas pelo historiador francês Augusto de Saint-Hilaire; em 1861, o escritor português Augusto Emílio Zaluar escrevia: “A fama da milagrosa Virgem espalhou-se por tal forma e chegou a tão longínquas paragens que, dos sertões de Minas, dos confins de Cuiabá e do extremo do Rio Grande, vêm todos os anos piedosas romarias cumprir as religiosas promessas”.

A inauguração da Estrada de Ferro facilitou o crescente número de romarias que revivem mais santas, em infinitas almas, de infinitas vidas, cantando e rezando com a mesma alma aos pés de Nossa Senhora Aparecida.

As pessoas agraciadas pela Virgem Aparecida, ao descerem do trem com a mortalha, tomavam grandes cuidados. As mulheres já acostumadas com suas saias, são mais desembaraçadas, enquanto que os homens ficavam por mais tempo na plataforma.

As primeiras romarias organizadas tiveram início em 1900 e a Estrada de Ferro Central sempre forneceu trens especiais e carros especiais, com abatimentos.

NO CORAÇÃO DE NOSSA SENHORA APARECIDA

O ano de 1904, da coroação de Nossa Senhora Aparecida, marca o início do Ciclo das romarias de trem.

Em São Paulo, Monsenhor José Marcondes Homem de Mello organizou uma peregrinação a Aparecida, no dia 8 de setembro.

A Comissão se entendeu com a Estrada de Ferro Central do Brasil para dois trens especiais que saíram da antiga Estação do Norte e com um silvo prolongado as locomotivas anunciaram a Estação de Aparecida.

Na Revista da Coroação, há uma fotografia do trem da peregrinação e da nossa Estação com o seu primeiro prédio.

Para o retorno, os peregrinos entoaram novos hinos e, cantando, deixaram o Santuário, passando ao lado do monumento da Imaculada Conceição e acompanhados pelo povo, tomam o caminho da Estação.

Parte o primeiro trem com nove carros, parte o segundo trem com dez carros e os olhares se voltam para o Santuário, esse canto de céu na terra.

O preço da passagem no ano de 1904, em carro de primeira classe, ida e volta, incluindo todas as despesas – 20\$000; em carro de segunda classe – 12\$000.

ESTAÇÃO E BASÍLICA

Há sempre uma linha tecida na oração entre a Basílica e a Estação. É um verso, uma poesia, um poema, com a rima de dor e de amor.

O ano de 1904 foi rico em homenagens a Nossa Senhora Aparecida e uma que ficou lembrada pela parte artística do lindo coral regido pelo compositor Padre João Batista Lehmann, foi a romaria de Juiz de Fora.

Quando na plataforma da Estação, antes do amanhecer, esses devotos de Nossa Senhora acendiam as velas e vinham cantando com a luz das velas o alvor do dia em Aparecida.

Foi a romaria que trouxe os hinos “Virgem Mãe Aparecida”, letra de Belmiro Braga e “Eia, povo devoto a caminho”, letra de Bento Ernesto Júnior, com música do Padre Lehmann, que na amplidão sonora além da Serra da Mantiqueira envolvem o devoto a caminho.

Centenas e centenas de romarias chegaram rendendo e pedindo graças, a esta Estação hoje Centenária.

Nossa Senhora Aparecida fez também a sua primeira romaria ao Rio de Janeiro, no dia 30 de maio de 1931, para no dia seguinte ser aclamada Padroeira do Brasil.

O trem da Estrada de Ferro Central do Brasil, que levou da Estação de Aparecida a Imagem milagrosa, ficou denominado trem Santuário e o vagão com a Imagem, Capela. A locomotiva tinha número 388.

Na Estação de Aparecida, um carro salão foi transformado em Catedral da Padroeira do Brasil.

Nas Estações da Central, o trem Santuário com a Imagem, recebeu pétalas de flores.

Estação Nossa – da altura do Morro dos Coqueiros és cheia de enlevo e a chama de uma vela te vislumbra!

ANO DO CENTENÁRIO

Três de julho de 1977.

Um século de romarias e de visitantes ilustres.

Os romeiros, da Estação, iam para os quartos de romeiros do Filhinho Nogueira, pensões, hotéis, ou se dirigiam diretamente à Basílica, para depois tirarem o retrato e adquirirem, nas lojas, lembranças da “Santa”. No pátio da Estação, após várias resoluções, pegavam o tróli, o bonde, o automóvel ou subiam a ladeira a pé.

COMEMORAÇÕES

As comemorações do Centenário, promovidas pelos Diretores do Museu da Basílica Nacional, Vicente Camargo e eu, professora Conceição Borges Ribeiro Camargo, com a cooperação do Prefeito Municipal, Senhor Alfredo Bourabebi, constaram de Missa, celebrada às 10 horas por Dom Antônio Ferreira de Macedo,

na antiga Basílica, com a presença de autoridades, ferroviários e convidados, e, às 14 horas, festividades no pátio da Estação.

A Rua da Estação, Rua Doutor Licurgo Santos, o pátio do Prédio, estavam com enfeites e bandeirinhas e todas as casas ostentavam toalhas bordadas e flores em suas portas e janelas.

Foi revivido um passado histórico e religioso.

Na organização da solenidade, estavam os representantes dos Hotéis, Doutor Benedito Lellis e Rubem Marcondes de Andrade, do tradicional Hotel Central; Antonio Andrini, das Pensões, William Samahá, das lojas; Belmira Rangel, filha do Piloto, o boleiro mais conhecido. Esteve presente a professora Terezinha Amaral Rocha de Moraes, filha de Norberto da Silva Rocha, dono do primeiro automóvel de Aparecida, um Ford, tendo como primeiro passageiro, o Doutor Altino Arantes, no dia 22 de setembro de 1922, aniversário do grande estadista.

O carro mais antigo da Praça é de José Camargo Filho, que no Pátio da Estação representava todos os motoristas.

Pela tradição, as charretes deram graça e beleza.

O Apostolado da Oração, com sua presidente Dona Liça Diniz, era a memória das romarias com a fita da Associação e diversas zeladoras levaram velas.

O Vigário, Padre José Augusto da Costa, lembrava os padres das romarias.

Foram distribuídas medalhas de Nossa Senhora Aparecida em lacinhos de fita azul, simbolizando a passagem de um século de romarias.

Abriu a cerimônia o Professor José Luiz Pasin. Como Diretora do Museu, fez histórico da Estação e da sua integração na vida de Aparecida. Os seus funcionários são zelosos e têm disciplina quase militar.

O Prefeito Municipal, Senhor Alfredo Bourabebi, ofertou a placa comemorativa do Centenário, que foi descerrada por ele e senhores: Doutor Carlos Alípio Nogueira, alto funcionário da Estação Roosevelt, de São Paulo, e Ary Bustamante Sá, Agente da Estação.

O Senhor Prefeito Municipal pronunciou, na ocasião, um discurso.

O Padre Redentorista José Carlos de Oliveira, Provincial da Congregação do Santíssimo Redentor, falou tocando na saudade e na lembrança da Estação, agradeceu aos organizadores da Comemoração do Centenário, saudou os ferroviários, contando que é filho, neto e sobrinho de funcionários que trabalharam na Estação de Aparecida e seu tio Benedito das Chagas é Agente Especial de Segunda Classe.

Os agenciadores, risonhos, se apresentaram na Estação e colocaram o cartão de seu Hotel, de sua Pensão, na grande fotografia "A chegada do Expresso".

O Doutor Carlos Alípio Nogueira deixou sua expressão da amizade e gratidão.

Logo após, foram declamadas duas poesias: "A romaria", do aparecidense José Afonso de Freitas, pela professora Zilda Ribeiro, e "Centenário da Estação de Aparecida", pelo autor e laureado poeta guaratinguetense, José Rodrigues Pinto.

Sua Excelência Reverendíssima Dom Antonio Ferreira de Macedo deu a bênção ao prédio da Estação.

A banda musical "Aurora Aparecidense" e o coral de São Benedito, este sob a regência de Laura Vieira Pinto Ribeiro, entoaram o hino "Virgem Mãe Aparecida", acompanhado pelos presentes.

A professora Conceição Borges Ribeiro Camargo fez o agradecimento e convidou para a Exposição, no saguão do Prédio.

A EXPOSIÇÃO

Sua Excelência Dom Antonio Ferreira de Macedo, o Provincial Padre José Carlos de Oliveira e o Vigário Padre José Augusto da Costa, estes últimos aparecidenses, desataram o laço de fita.

O Padre Vigário leu a Ata Comemorativa da Centenária Estação e dois guardinhas do Museu, com uniforme de gala, davam atenção às assinaturas e três merecem destaque: de José Rodrigues Pinto, Felipe Mathias e Jorge Ferreira de Azevedo, que assinaram a Ata de inauguração do atual prédio da Estação, no dia 14 de novembro de 1922.

Na Exposição, lembranças da antiga e atual Estação, jornais da cidade localizando personagens na plataforma, documentos de antigos funcionários e objetos do sistema ferroviário: lanternas, botões de uniforme de guarda-chaves fabricado em Paris, etc.

Fotografias de funcionários que deixaram saudade, cartolinas que se desdobravam como pergaminhos em Homenagem às Autoridades, General Stanley Fontes Baptista, Presidente da Rede Ferroviária e Engenheiros, a relação dos Agentes de 1892 a 1977 e os nomes dos atuais funcionários da Estação, com a citação de Amilton Medeiros, fiscal do trecho. Um retrato emoldurado de Paulo de Frontin, grande engenheiro, foi Diretor da Estrada Central do Brasil.

Existe a Família Ferroviária em Aparecida – a do Agente Ary Bustamante Sá, Antonio Rodrigues, Bibiano Thomaz de Aquino, Ildefonso Pinheiro das Chagas, João Oliveira e Silva, Brasilino de Araújo, Messias Brandão, José Ferreira, que se entrelaçaram e são parentes, fazendo o “Album da Família” na Exposição.

A “Rádio Aparecida” com o Diretor do “Jornal Falado”, Doutor Rogério Braga, gravou a festividade. O Diretor do Turismo, Tadeu Fonseca, deu a sua contribuição. Meninos com tabuleiros à moda antiga, ofereceram doces daquela época aos presentes. Um menino com mortalha e uma menina vestida de anjo estavam entre todos recordando as promessas.

PASSARAM PELA ESTAÇÃO

Personalidades ilustres passaram pela Estação de Aparecida: o Imperador Dom Pedro II, a Imperatriz, a Princesa Isabel e o Conde d’Eu.

Presidentes de Estados, políticos, Núncios Apostólicos, Cardeais, Príncipes e altas autoridades desceram na Estação e foram à Basílica.

Em outubro de 1920, o trem que conduzia os Reis da Bélgica parou na Estação, sendo aguardado pelo povo e alunas do grupo escolar. A banda musical “Aurora Aparecidense”, sob a regência do maestro Benedito Júlio Barreto, saudou suas Altezas, que estavam em companhia do Presidente da República. Doutor Epitácio Pessoa, com o Hino Nacional Belga e Hino Nacional Brasileiro. O Rei Alberto perfilou-se em continência e despediu-se sorrindo e a rainha com um adeus.

O trem que conduzia, em setembro de 1972, os restos mortais de Dom Pedro I, para o monumento do Ypiranga, parou em nossa Estação.

A luz da Fé, das estrelas e das alvoradas, envolve a Estação.

DADOS HISTÓRICOS

O Senhor José Lopes Ferreira, feitor e depois chaveiro das casas de Nossa Senhora Aparecida; o compositor e artista Oscar Randolph Lorena, guarda-chaves e Carlos de Oliveira Souza, agente de terceira classe, merecem referência.

Os Redentoristas: Padre José Lopes Ferreira, Padre Isaac Lorena e Padre José Carlos de Oliveira, Provincial, são filhos desses funcionários da Estação de Aparecida e o Salesiano Padre Doutor José Geraldo de Souza é neto do feitor e chaveiro José Lopes Ferreira.

Neste Ano do Centenário, o advogado e gerente do escritório da Torre da Nova Basílica, Doutor Jair Pereira de Almeida, é casado com Mércia Bustamante de Almeida, sobrinha do Agente da Estação, Ary Bustamante Sá.

Há sempre uma linha tecida entre a Basílica e a Estação.

*Estação Bendita,
Bendito seja Deus!*

Estação histórica que viveu momentos de civismo; uma das páginas históricas foi a chegada do expedicionário Benedito Júlio Barreto Filho, ferido na Segunda Guerra Mundial.

A autoridade aparecidense que mais recebeu personalidades ilustres na plataforma foi o senhor Américo Alves Pereira Filho, Prefeito Municipal em diversas fases políticas, durante vinte e um anos.

A luz da fé, etc...

Fontes de Consulta:

- *Arquivo da Estação de Aparecida*
- *Arquivo do Museu da Basílica Nacional de Aparecida*
- *“A civilização do café”, Alves Motta Sobrinho.*

Publicado no jornal “Santuário de Aparecida” número 3819, do dia 21 de agosto de 1977, pp. 11-12.